

OMNIA SAÚDE

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
www.fai.com.br

SILVA, Claudinei Aparecido; SANTOS, Ana Lucia. Terceira idade: reflexões sobre narcisismo no tempo contemporâneo. *Omnia Saúde*, v.6, n.2, p.55-67, 2009.

TERCEIRA IDADE: REFLEXÕES SOBRE NARCISISMO NO TEMPO CONTEMPORÂNEO

SENIORS: REFLECTIONS ON TIME IN CONTEMPORARY NARCISSISM

Claudinei Aparecido da Silva

Psicólogo (FAI)

Ana Lúcia dos Santos

Mestre em Psicologia (UNESP)

RESUMO

Este trabalho foi realizado junto ao grupo de idosos de uma cidade de 12 mil habitantes do interior do Estado de São Paulo. O trabalho discute o contexto da observação de 21 idosos de ambos sexos onde buscou-se as representações e entendimento das novas configurações da dita “terceira idade” dentro desse novo paradigma da cultura da sociedade atual, paradigma configurado entre o paradoxo da cultura narcisista do corpo e a degeneração do mesmo. Para a realização do presente estudo usou-se o método da observação naturalista considerando a observação como a base de toda investigação no campo social, e pode ser utilizada em qualquer nível de complexidade da investigação científica. Como resultado observamos que parte da amostragem estudada executa as atividades previstas no intuito da obtenção de um corpo mais jovem, portador de qualidades que não coincidissem com a idade dos participantes do grupo, a execução de exercícios físicos, consistiam na busca do corpo idealizado, ou seja, busca do ideal de ego inicial, ideal no qual foi perdido, uma das possíveis leituras que realizamos sobre essa amostra da população foi de que no fracasso na busca do corpo idealizado, os idosos fazem uso do poder de consumo para sublimarem a angústia da perda da juventude.

Palavras-Chave: Terceira Idade; Qualidade de Vida; Envelhecimento; Subjetividade.

ABSTRACT

This work was performed with the group of elderly people from a town of 12 000 inhabitants in the state of São Paulo. The paper discusses the context of observation of 21 patients of both sexes sought where the representations and understanding the new configurations of the so-called "third age" within this new paradigm of culture in today's

society, paradigm configured between the paradox of the narcissistic culture of the body and degeneration thereof. To conduct the present study we used the method of naturalistic observation considering the observation as the basis for all research in the social field, and can be used at any level of complexity of scientific research. As a result we observed that some of the samples studied performs the activities planned for the purpose of obtaining a younger body, bearer of qualities that do not coincide with the age of participants in the group, performing physical exercise, consisted in finding the body idealized, or is, search the ego ideal home, ideal in which it was lost, one of the possible readings performed on this sample population was that the failure to find the idealized body, the elderly make use of the power consumption for the anguish of sublimarem loss of youth.

Keywords: third age, quality of life, aging, subjectivity.

INTRODUÇÃO

Diante das transformações demográficas vivenciadas no último século, demonstram que a população mundial está cada vez mais idosa, fato também relacionado aos avanços principalmente na medicina e nas ciências humanas. Tal fato causou uma maior preocupação das entidades governamentais, especialmente na área relacionada ao bem estar dessas pessoas e qualidade de vida.

A sociedade contemporânea sofreu também modificações significativas, podendo ser retratado hoje pela cultura de um consumismo exacerbado, um ritmo veloz e frenético de transmissão de informações e principalmente por uma cultura narcisista onde o corpo e venerado como objeto de desejo. No pólo oposto esta a velhice que, inevitavelmente, costuma caracterizar-se com os atributos negativos: decrepitude, nostalgia, degeneração, declínio, obsolescência e improdutividade (PITANGA, 2006).

Através da Observação Naturalista da atividade do programa “Terceira Idade”, buscamos o entendimento das novas configurações da dita “terceira idade” dentro desse novo paradigma estipulado pela sociedade atual, configurado entre o paradoxo da cultura narcisista do corpo e a degeneração do mesmo.

O conceito de velhice remete-nos, em primeira análise, para a noção de idade indiciando que a velhice se constitui num grupo de idade homogêneo. Fernandes (2000) diz-nos que a idade não é um fator que pode, por si só, medir as transformações dependentes do envelhecimento. Acrescenta que as alterações surgidas com a idade dependem também do estilo de vida que cada um teve ao longo do seu percurso.

A OMS (Organização Mundial de Saúde) fundamenta que a idade dos 65 e mais anos serve para definir as pessoas como idosas, no sentido de que com o avanço da idade, aumentam os riscos do sujeito, associando-os às modificações físicas, psíquicas e sociais influenciadas por fatores intrínsecos e extrínsecos ao sujeito. Para a Legislação Brasileira descreve sua lei número 8.842 em seu artigo número 2 (dois) em seu artigo considera idoso a pessoa que encontrasse em faixa etária superior a 70 (setenta) anos de idade.

Tantos os critérios médicos como quanto as conversões sociais tem igual dificuldade em conceituar a entrada no período da velhice. Fatores como a aposentadoria, a idade

cronológica, a dependência para as atividades de vida diárias são determinantes para tal conceituação. Desta forma pressupõe-se que delimitar o conceito de velhice nos pressupostos biológicos, sociais ou psicológicos configura-se como um fator de grande complexidade, pois tais pressupostos caracterizam como insuficientes para tal categorização, dadas as variações sociais, individuais e os acontecimentos da vida de cada indivíduo.

O psicanalista Jack Messy (1999) assim se posiciona: se a velhice o tempo da idade que se avança, a velhice e a idade avançada, entenda-se, em direção a morte [...]. A velhice não é um processo como o envelhecimento, é um estado que posiciona o indivíduo idoso. Podemos ainda descrever que na visão social diversos fenômenos estão relacionados à velhice, entre estes a aposentadoria que se destaca, já que está diretamente relacionada ao potencial de produção e acumulação de riqueza, a aposentadoria configura-se o término da ação laboral e desta forma o término da possibilidade de alcançar estas metas. Mannoni (1995), destaca que a fixação arbitrariamente entre 60 e 65 anos, traz consigo alguns fins traumáticos, devastadores, fatos que ocorrem em decorrência o fim da atividade laboral, como mecanismo de defesa os mesmos começam a desenvolver outros investimentos libidinais valorizados socialmente, tais investimentos são geradores de prazer e configuram-se com fato muito importante na elaboração do luto da perda do corpo idealizado.

Da mesma forma, o idoso encontra-se inserido em uma cultura narcísica, fato que pode ser observado através das diversas observações dos meios de cultura em massa e suas possíveis interferências no ambiente social. Nos tempos atuais tornou-se comum a expressão “cultura do corpo” e alusão a preocupação desmedida com a forma física, a estética e saúde, ou seja, o que vigora é a idolatrarão e o amor pela imagem de si mesmo.

Trata-se de uma engrenagem social que elegeu como pauta de comportamentos as práticas narcísicas em detrimento das coletivas, induzindo, pois, os sujeitos desvincular-se das práticas solidárias e ideais comuns. É regida também por uma ética de sobrevivência do “mínimo eu”, no dizer de Lasch (1986), uma moralidade pautada no narcisismo de viver, que glorifica e enaltece o reino das aparências, o êxtase das encenações, a supremacia e sedução das imagens, configurando-se, aqui, o que se pode denominar de cenário espetacular do narcisismo, no qual o sujeito acredita ser livre, onipotente e soberano para tudo desejar e consumir.

Dentro deste panorama, o objetivo a ser alcançado é o poder do consumo, ir às compras tornou-se o meio de supostamente alcançar a felicidade e a tão desejada completude narcísica outrora perdida na infância. Nesse sentido há uma articulação direta entre a valorização da imagem corporal e o consumismo, como uma marca identitária privilegiada na contemporaneidade, o corpo tornou-se auto-referência para o sujeito ser feliz e sentir-se socialmente aceito, a busca exaustiva pelo corpo idealizado, tem tornado-se o ideal de ego a ser perseguido (PITANGA, 2006).

Se, na sociedade, a velhice tende a ocupar um lugar de verdade sobre o sujeito, um saber a priori, a psicanálise toma-o como sujeito falante, capaz de produzir os significantes fundadores de sua própria história. Abre a porta para uma conciliação com o corpo frágil e mortal. A ética psicanalítica implica em convocar o sujeito a responsabilizar-se pelo destino de suas ações, cuja motivação mais legítima é o próprio

desejo. É a partir do saber inconsciente, marca da mais radical diferença, que se assenta a relação do sujeito com a própria velhice, em um esforço de subjetivação que será sempre precário, temporário e aberto a um devir incerto.

Afirmamos a importância de retomar a questão do sujeito do inconsciente para além do anonimato que o termo velhice impõe. Consideramos também que o analista, em seu dever ético, não deve se furtar de buscar desfazer, no âmbito da psicanálise em extensão, a cristalização imaginária de sentido em torno da velhice, fazendo vigorar o campo simbólico, que se abre mais para a ambigüidade de sentido e se liga, indissociavelmente com o real.

Freud o pai da psicanálise faz algumas referências com relação à velhice. Merece destaque o relato de seu artigo “Historias de uma neurose infantil” de 1918 no qual descreve que a tendência à entropia psíquica, no sentido da perda da elasticidade, considerada crescente à medida que se envelhece, mas não exclusiva da idade avançada, base de sua restrição ao trabalho com idosos. Tal hipótese reaparece, justamente, no bojo da formulação da pulsão de morte, remetendo à força conservadora da pulsão e indicando a importância, ao mesmo tempo que o limite, do trabalho psiquismo.

No artigo “Mal estar da civilização” de 1930, Freud refere o corpo como uma das fontes do mal-estar humano, sublinhando que “este permanecerá para sempre como uma estrutura passageira, com deveria ter um efeito paralisador na medida em que podemos mitigar este sofrimento, em parte (inclusive com o avanço da ciência), mas nunca totalmente. Contrapõe, ainda, o esforço narcísico, que busca ludibriar a morte, transformando o homem em um “deus da prótese” (ou seja, apontando seu caráter de engodo) ao mal-estar próprio do desejo.

Messy (1999) descreve que com as mudanças que vão ocorrendo na vida, além das sucessivas experiências da perda, reativam na velhice uma imagem que não é a do ego ideal, mas do ego feiúra, revelada pela quebra do ideal de ego, essa imagem agride os ideais narcísicos de onipotência e perfeição, mostrando desta forma uma divergência entre a imagem do inconsciente e a imagem retratada pelo espelho. Tal fato faz sugerir a hipótese da existência de um outro estágio do espelho que se situaria entre 50 e 60 anos, ao qual denominou de “tempo de espelho quebrado”, que se traduz por uma angústia depressiva, correspondente a perda da imagem idealizada.

Goldfarb (1998), ressalta que em contrapartida existe também a experiência do espelho positivo, no qual o indivíduo confirma sua identidade ao vê-la refletida no espelho, assim como em uma fotografia o espelho anuncia o ideal. Dentro desta concepção se faz necessário algumas discussões sobre o conceito de narcisismo e seus desdobramentos teóricos, sendo que estes permitiram à Psicanálise um grande avanço na compreensão da dinâmica psíquica. Sua conceituação original foi proposta por Paul Nackerl, que delegava a esse uma condição de perversão, caracterizada pelo indivíduo que toma seu próprio corpo como objeto sexual. Entretanto, o narcisismo, quando introduzido na Psicanálise, é concebido enquanto uma dimensão estruturante do psiquismo.

Freud introduziu o conceito de narcisismo em 1914, onde delimitou um novo horizonte para a Psicanálise e a distinção tópica, econômica e dinâmica, que até então fazia do conflito psíquico uma noção teoricamente coerente, sofreria algumas modificações, já que esse conflito não mais se diferenciava em partes tão nítidas. O ego não mais poderia

ser considerado exclusivamente a sede do princípio de realidade e dos processos secundários, ou simples mediador entre os desejos reprimidos inconscientes e objetos externos existentes, função em que reinava até então, autônomo e sob o domínio da realidade. Agora esse ego era passível de investimentos instintivos libidinais, o que tornou a dinâmica psíquica muito mais complexa e o conceito de narcisismo relevante tanto na clínica quanto para uma leitura da cultura, dentro deste contexto o narcisismo ocuparia um lugar de destaque no percurso do desenvolvimento dos indivíduos, sendo, a princípio, o complemento libidinal do egoísmo de auto preservação existente em todo ser vivo.

Dentro desta concepção o narcisismo seria dividido em dois momentos: o narcisismo primário e narcisismo secundário, o narcisismo primário seria o momento em que se inicia a integração do ego com base na libidinização das primeiras representações mentais e que se findará após o narcisismo secundário, quando dar-se-á a constituição da identidade de um indivíduo. Portanto, o caos de sensações advindas de locais internos e externos passíveis de excitação começa a distinguir-se de suas fontes e integrar-se ocasionando uma unidade.

Percebemos assim a importância do narcisismo na estrutura egóica, ou seja, a libidinização do ego é exatamente a fonte de energia necessária para a unidade de ser de todos os indivíduos, sendo portanto, contemporâneo à primeira forma de estruturação do ego. Anteriormente a tal fato, existiria apenas as pulsões fragmentadas. Nesse primeiro estágio do narcisismo o ego não diferenciado se encontra inflado de libido e funcionando em uma megalomania mágica, envolvida pela fantasia que tudo que existe é uma extensão de si mesmo. A superação desse estado será possível quando essa libido puder ser investida em objetos, o que resultará posteriormente no narcisismo secundário (CAPOIA & CANIATO, 2005).

O narcisismo secundário denota o movimento da libido em direção aos objetos externos e é por meio desse processo que ocorre uma identificação com esses objetos, os quais, por sua vez, transformarão o próprio ego. A energia contida no ego tem sua gênese no narcisismo primário- que possibilita uma energização de idéias que conduzirá o indivíduo a uma unidade- que, porém, somente poderá se concluir com a entrada no universo mental da criança de seus objetos de afeto (FREUD, 1914). A unificação das pulsões, até então desorganizadas e fragmentadas, proporciona o que

Severiano (2001) denomina “momento fundante do indivíduo”, pois só então ele pode perceber-se como uma unidade e diferenciar-se de outros sujeitos, distinguindo seu próprio corpo do mundo externo: o não-corpo. Trata-se do nascimento da consciência. A constituição de tal unidade só é possível por meio do olhar libidinizado do outro, o que permitirá o desenvolvimento do ego tanto em direção aos objetos sexuais quanto à cultura de uma forma geral:

“essa representação do sujeito como unidade indivisível e fortemente estruturada somente é possível graças à imagem corporal que a criança obtêm de si mediatizada pelo outro, ou seja, graças ao olhar da mãe como constituinte e organizadora da auto-imagem da criança” (SEVERIANO, 2001, p.125).

A constituição do indivíduo enquanto unidade requer um abandono do estado característico do narcisismo primário, para um avanço de sua libido sobre o outro e o retorno dessa mesma libido para o ego, o que acontece mediante as frustrações que ocorrem normalmente no período de desenvolvimento, como por exemplo, o medo dos objetos externos ocasionarem o aniquilamento do ego. Esse retorno, portanto, não acontece sem que o objeto externo agora ganhe representações internas. Tais representações do objeto passam a integrar o ego e nesse momento, portanto, ocorre a quebra de um narcisismo onipotente. O indivíduo percebe-se em falta, dependente e frágil, e assim sua libido segue o curso da identificação com os objetos tornando-os parte de si mesmo para compensar a falta, constituindo, dessa maneira, seu universo mental (CAPOIA & CANIATO, 2005). Conforme destaca Francisco (1993):

“tenho aprendido um circuito muito básico para a compreensão da vida mental: as forças que movem um indivíduo a existir precisam sair de dentro do indivíduo, fazer algum contato com um espaço exterior (ou representante da exterioridade), e voltar para dentro do indivíduo, portanto uma qualidade experiencial que vai formar uma estrutura mental” (FRANCISCO, 1993 p.392).

Até o presente momento exploramos os dois caminhos possíveis, o caminho dos objetos e o do próprio ego; porém a compreensão freudiana descreve que existiria um terceiro caminho para a energia libidinal que se deslocaria também para o ego-ideal e o ideal-de-ego. Diversos autores distinguem ideal de ego e ego ideal a partir de seu funcionamento na estrutura psíquica. Assim temos novas concepções a partir de releituras da obra freudiana, compreendendo o ego ideal como descendente da onipotência narcísica perdida. Esse ideal é formado com base na onipotência fantasiosa de elementos mágicos, próprios de um funcionamento narcísico infantil e encontrar-se-ia ligado ao ego de forma não bem organizada e conectado ao Id ainda de forma não diferenciada. Portanto para esses autores o ego ideal é regredido e impulsionado pelos desejos instituais do Id tendo o princípio do prazer como seu modo de funcionamento básico, buscando, dessa maneira, evitar o desprazer ao máximo e alcançar o prazer predominantemente (SEVERIANO, 2001).

Outros autores como Costa (2004), atribuem um importante papel ao ego ideal na função de defesa narcísica do ego, as quais seriam acionadas imediatamente em resposta a qualquer sinal que poderia exigir alteração da composição egóica. Isso dar-se-ia pela própria característica do ego que ele denomina “compulsão à síntese”, a qual poderia ser traduzida como uma preocupação do ego com segurança, ou seja, com a manutenção da ordem de suas representações sempre da mesma forma. Essa defesa de caráter narcísico seria de grande utilidade para a adaptação do indivíduo ao mundo, pois cumprindo esta função de manter a unidade, coerência e distinção do ego diante do mundo e dos outros seres humanos, ela protegeria o indivíduo da desintegração ou do excesso de impotência que o ameaçam constantemente no decorrer de seu desenvolvimento.

Para Severiano (2001), esse caminho que a libido percorre na defesa narcísica, guiada pela imagem do ego ideal, opõe-se diametralmente àquele que é guiado pelo ideal de ego. Isso ocorreria, em primeiro lugar, porque nesse segundo caminho o reconhecimento da alteridade e da própria falta e incompletude, não só já é admissível e suportável como também se constitui em pré-condição essencial para atingir-se o modelo ideal. O ideal do ego, ao contrário do supracitado ego ideal, estaria voltado para

o futuro e buscando o prazer em seu sentido forte, e não apenas para o presente e com o objetivo único de evitar o desprazer.

Outro ponto a ser considerado ao abordar-se ego ideal e ideal de ego seria a diferença dos processos pelos quais esses atuam: enquanto o ideal de ego constitui-se por meio da sublimação, o ego ideal implica em uma renúncia ao enfrentamento da realidade e o fascínio, fato que Severiano (2001) denomina “objeto-engodo”, caracterizado pelo processo de idealização.

Na idealização, o ego é incapaz de fazer um julgamento adequado do objeto em termos de realidade e eleva suas qualidades de maneira a torná-lo perfeito, substituindo os ideais (de ego) que, por meio de sua experiência real, não pôde alcançar. Vai delineando claramente sua impossibilidade de lidar com a falta e o adiamento do prazer imediato e ocasionando um retraimento dos impulsos anteriormente dirigidos à satisfação sexual, os quais ficam relegados ao segundo plano (SEVERIANO, 2001).

Já a sublimação, tal como Freud (1914) já colocara, trata-se de uma das vicissitudes pelas quais passam os instintos sexuais no processo de desenvolvimento e no decorrer da vida, implicando no redirecionamento do destino da pulsão, ou seja, em transformações pulsionais que resultarão na aplicação da libido em outros fins que não os sexuais.

Segundo Costa (2004), somente por meio da sublimação, é que se pode investir em objetos que contradizem os interesses do narcisismo, pois a falta não é negada na sublimação tal como na idealização, pelo contrário, preserva-se a memória da satisfação não-realizada, apontando para a necessidade de liberação e dando ao sujeito a possibilidade de mobilidade de investimento e questionamento. Assim, podemos afirmar, de acordo com os autores explorados, que a idealização contrapõe-se à sublimação.

Da mesma forma que o ego ideal se confronta com o ideal de ego, à medida que o ego ideal aclama a idealização como forma substitutiva da falta e aprisionamento da libido que o mantêm na fantasia de ego perfeito e reinante e o ideal de ego se apóia nos objetivos de vir a ser do indivíduo em contato com o mundo externo e os sujeitos que este contém (CAPOIA & CANIATO, 2005).

Neste resgate conceitual compreendemos o narcisismo como um importante elemento de construção egóica, assim como, essencial para o desenvolvimento da ligação do indivíduo com a cultura, como foi discutido e que é realizado pelos desdobramentos do narcisismo no que tange ego ideal e ideal de ego.

OBJETIVO

Como objetivo geral esta pesquisa teve o intuito da verificação empírica das possíveis representações da dita terceira idade na contemporaneidade, tecendo conexões entre a cultura narcísica e a degenerações dos corpos, vivida na terceira idade.

METODOLOGIA

Como metodologia usamos a técnica de Observação Naturalista, considerando a observação como a base de toda investigação no campo social, e pode ser utilizada em qualquer nível de complexidade da investigação científica.

A Observação Naturalista é caracterizada pela execução dos registros a serem feitos no ambiente real, e os acontecimentos são registrados à medida que ocorrem. Uma vantagem deste método é que ele reduziria os vieses pré-concebidos do fenômeno, e oportunizaria a verificação de comportamentos novos ou não reconhecidos previamente.

Selltiz & Cook (1987) definem esta modalidade de investigação como naturalística, tendo em vista que objetiva analisar o comportamento humano em seu ambiente natural, com a finalidade de generalização para além do contexto imediato da observação.

Neste contexto, é necessário considerar a adequação ou representabilidade da amostra observada, ou seja, pensar se o momento no qual o sujeito está sendo observado constitui-se em um momento típico que representa as condições habituais no qual este sujeito é confrontado em sua vida (ROTTER, 1967).

O programa Terceira Idade consiste em um convenio entre o CCI- Centro de Convivência do Idoso e a Prefeitura Municipal da presente cidade, programa que visa o incentivo a atividade física de indivíduos da faixa etária acima de 60 anos, sendo que o programa realiza diariamente um trabalho aeróbico acompanhado de Professora de Educação Física e uma Enfermeira Padrão na praça matriz da presente cidade.

A Observação foi realizada em uma praça central de um município com 12 mil habitantes do interior do Estado de São Paulo. A observação foi realizada durante oito dias consecutivos às 10 (dez) horas da manhã, (Até que horas?) momento em que os integrantes do programa executam suas respectivas reuniões.

A amostra para o presente estudo foi formado por 21 (vinte e um) indivíduos de ambos os sexos, sendo que 18 (dezoito) indivíduos são do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino, todos dentro da faixa etária de 65 anos a 80 anos dos quais freqüentam regularmente o programa “Terceira Idade”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da observação semi-dirigida pode-se verificar uma mudança significativa nos papéis atribuído à terceira idade, exta que em tempo mais remotos era considerado um momento marcado por atributos negativos, onde o individuo deveria buscar o descanso no qual foram privados no período no qual exerciam atividades laborais; passou a ser um público com alto poder de consumo e autonomia. Tal fato é fruto das constantes evoluções do campo da medicina como também das facilidades imposta pelo mercado de consumo no mundo contemporâneo, trazendo a terceira idade uma condição de maior qualidade e expectativa de vida.

O modelo adotado na contemporaneidade é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideologia antes da perda hoje se manifesta pelas considerações de que os estágios mais avançados da vida podem ser momentos propícios para novas

conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados durante a vida tornaram oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos (FEATHERSTONE, 1994).

Tal fato fez com que a distância que existia entre as terceira idade e a sociedade diminuísse, esta começou a incorporar alguns valores nos quais em tempos mais remotos não tinham; valores como o poder de consumo exacerbado e cultura do corpo. Através do processo de observações pode-se verificar que grande parte da amostragem buscava no grupo a obtenção de um corpo idealizado, já que neste grupo realizavam diariamente atividades físicas, este corpo idealizado seguiria os pressupostos pregados socialmente pelos veículos de comunicação, corpo no qual é portador de qualidades que não coincidissem com a idade dos participantes do grupo.

Os sujeitos da pesquisa descreveram que agora viverão tudo o que não puderam viver no período em que exerciam atividades laborais, descreve também que querem estarem sempre bem arrumado, com um corpo dentro dos padrões estipulados pela sociedade (corpo magro e trabalhado), muitas das participantes relatam que já fizeram algum tipo de cirurgia plástica, quando questionadas as mesmas descrevem que a cirurgia foi feita por motivos estéticos, apenas duas descrevem que foram feitas por motivos ortopédicos (dores na coluna).

A sociedade atual valoriza essencialmente a juventude, mesmo sabendo que envelhecimento é um processo normal e que afeta todos os seres humanos e, tendo uma visão negativa deste período da vida, faz em parte com os próprios idosos detenham esta imagem, que constitui um dos significados preconcebidos sobre a velhice. O desconhecimento deste processo leva a absorver e transmitir falsas percepções que contribuem, direta e indiretamente, para isolar e acelerar o processo de envelhecimento (REIS, 2007).

Messy (1999), descreve que as mudanças significativas que vão ocorrendo no transcorrer da vida, além das sucessivas experiências de perdas, como certas restrições nas atividades da vida diária, diminuição das possibilidades corporais, sensoriais e motoras, adquirem na velhice um significado particular. Tal fato traz consigo a angústia depressiva de envelhecer, fato que retratado significativamente através do reflexo do espelho, sob o aspecto do eu-feiura.

Segundo o autor, esta significativas perdas traz consigo a perda da imagem idealizada no ego ideal, e em seu lugar surge à imagem de um ego-feiúra, tal fato faz com se levante a hipótese da existência de um estágio do espelho que situaria entre os 50 e 60 anos, no qual ele denominou de “tempo de espelho”, que se configura como uma fase marcada por uma angústia depressiva corresponde à perda da imagem idealizada.

Quando o idoso projeta sua imagem no espelho, este lhe devolve uma imagem ligada à deterioração, com a qual ele não se reconhece, pois agride os ideais narcísicos de onipotência e perfeição, fato que Goldfarb (1998), nomeia de espelho negativo, desta forma à única forma de romper com este ciclo seria ficar jovem, para salvar o mundo, negando a imagem projeta.

Na amostragem pode verificar de forma significativa a negação deste corpo envelhecido e a idealização de um corpo jovem, corpo no qual é possuidor de todos os atributos no quais eles buscam diariamente. Comportamentos como o uso de medicações, cosméticos e a submissão a processos cirúrgicos retratam este fenômeno. O uso de tais artifícios, demonstra a necessidade da busca deste objeto idealizado, e quando acontece o fracasso neste processo, os idosos fazem uso do poder de consumo para sublimarem a angústia da perda do objeto amado. Esta tentativa insana e desesperada de restaurar o corpo perdido, os sujeitos passam a atender às ofertas de consumo como uma forma de tamponar a falta que é constitutiva do ser humano. Nesse sentido há uma articulação direta entre a valorização da imagem de si e o consumismo, como uma marca identitária privilegiada na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

podemos concluir que os sujeitos do programa “Terceira Idade” não revelaram de forma explícita a busca de corpo idealizado e pregado socialmente, porém todos se queixaram de suas limitações impostas pelo processo de envelhecimento, como também a necessidade da busca deste corpo outrora perdido, para que as atividades da vida diária possam ser executadas com menor esforço físico.

Outro fato de grande relevância a necessidade de sempre estar dentro dos padrões estéticos pregados pelos veículos de comunicação, tal fato pode ser verificado principalmente no público feminino, sendo que estes fazem uso da idealização do corpo de do padrão de moda pregado principalmente pelas telenovelas.

As mulheres do programa constantemente viam trajadas com roupas que diversas atrizes faziam uso, atrizes que apresentam uma idade relativamente menor que as dos sujeitos estudados, esta é mais uma manifestação da busca de corpo idealizado. Para obtermos dados mais conclusivos sobre a necessidade de bens de consumo, seria necessário um estudo posterior, onde através de uma entrevista semi-dirigida seriam coletados dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. Brasília, 2011.

COSTA, Jurandir F. *Narcisismo em tempos sombrios*. Disponível em http://www.jurandircosta.hpg.ig.br/ciencia_e_educacao/9/artigos/narcisismo.html Acesso em 28/04/2004. In: CAPOIA, A. M.; CANIATO, P. M. A. *Narcisismo e Sociedade de consumo*. 2005 Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Alessandro_Marcio_Capoa_e_Angela_Maria_Pires_Caniato.pdf>. Acesso: 03 de maio de 2011

CAPOIA, A. M.; CANIATO, P. M. A. *Narcisismo e Sociedade de consumo*. 2005 Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Alessandro_Marcio_Capoa_e_Angela_Maria_Pires_Caniato.pdf>. Acesso: 03 de maio de 2011

FERREIRO, V. R. T.; MOUSQUER, D. N. *Observação em Psicologia Clínica*. *Revista de Psicologia da UNC*, v.2, n.1, p.54-61, 2004.

FRANCISCO, B. S. S. *Narcisismo: Um ideal regulador interno*. *Revista Brasileira de Psicanálise*. In: CAPOIA, A. M.; CANIATO, P. M. A. *Narcisismo e Sociedade de consumo*. 2005 Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Alessandro_Marcio_Capoa_e_Angela_Maria_Pires_Caniato.pdf>. Acesso: 03 de maio de 2011

FREITAS, M. C. ; et all. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Rev Esc Enferm USP*, v.2, n.44, p.407-412, 2010.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FREUD, S. *Historias de uma neurose infantil* (1918). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2003

FREUD, S. *Introdução ao narcisismo*. (1914). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FERNANDES, P. *Depressão no Idoso*. Coimbra: Quarteto Editora, 2000. In: VAZ, E. ; SILVA, B.; SOUSA, I. *Configurações de Vida na Velhice*. *Antropológicas*, n.7, Porto, p. 181–208, 2003. Disponível em: <<https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1763/3/181-209.pdf>> Acesso: 10 de março de 2011.

GOLDFARB, D.C. *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LASCH, C. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MANNONI, M. *O nomeável e o inominável: a última palavra da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe*. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Aleph, 1999.

VAZ, E. ; SILVA, B.; SOUSA, I. *Configurações de Vida na Velhice*. *Antropológicas*, n.7, p.181–208, 2003.

PITANGA, A. D. *Velhice na Cultura Contemporânea*. 2006. 192 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

RINALDI, D. *A ética da diferença: um debate entre a psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ROTTER, J. B. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SANTOS SR, SANTOS IBC, FERNANDES MGM, HENRIQUES M. *Elderly quality of life in the community: application of the Flanagan's Scale*. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, v.10, n.6, p. 757-64, 2002.

SELLTIZ, W. ; COOK. *Dados de observação e de arquivo*, 1987. In: *Métodos de Pesquisas nas Relações Sociais*. 2 ed. São Paulo: EPU. C. 11, p. 95-120. In: CAPOIA, A. M.; CANIATO, P. M. A. *Narcisismo e Sociedade de consumo*. 2005. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Alessandro_Marcio_Capoa_e_Angela_Maria_Pires_Caniato.pdf>. Acesso: 03 de maio de 2011.

SEVERIANO, V. F. M. *Narcisismo e Publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume, 2001.